

Proprietário: José Bernardo da Silva

# A Força do Amor



# Alonso e Marina

---

Prop.: - José Bernardo da Silva

---

A FORÇA DO AMOR

---

## Alonso e Marina

---

---

NESTES versos eu descrevo  
a fôrça que o amor tem  
que ninguém pode dizer  
que não há de querer bem  
o amor é como a morte  
que não separa ninguém

Marina era uma moça  
muito rica e educada  
o pai dela era um barão  
duma família ilustrada  
mas ela amou a Alonso  
que não possuía nada

Ambos nasceram num sítio  
num dia, na mesma tarde;  
pegaram logo a se amar  
com nove anos de idade  
se todos dois fôssem ricos  
era um casal de igualdade

Alonso era enfeitado  
sem ter de família o nome  
criado por um ferreiro  
trapilho, passando fome  
pois quem é criado assim  
todos os dias não come

MUSEU DO AÇUCAR

Biblioteca

F 1983 | 27/1/75

Pelas mercês de Marina  
Alonso pôde estudar  
Marina não tinha mãe  
se sujeitava a tirar  
do dinheiro do barão  
para Alonso sustentar

Estava com 20 anos  
dispôs-se um dia Marina  
disse a Alonso: me peça  
veja o que a sorte destiña  
é bom que se saiba logo  
meu pai o que determina

—Amanhã pelas 10 horas  
você vá ao barão  
chegue lá declare a êle  
que pretende a minha mão  
conforme o que êle disser  
eu tomo resolução

—Se não faltar-lhe a coragem  
havemos de conseguir  
meu pai não é raio elétrico  
que nos possa consumir  
ou faz o que nós queremos  
ou então ver eu sair

Alonso aí respondeu:  
não obsta ser um barão  
título comprado não pode  
comprar a um coração  
êle é mortal como eu  
um de nós perde a ação

—Ele pode deserdá-la  
 tomar tudo que fôr seu  
 casar-me com moça rica  
 não é interêsse meu  
 amo-a mais que minha vida  
 escravo do amor sou eu

No outro dia às dez horas  
 Alonso foi ao barão  
 chegou com tôda coragem  
 fêz-lhe a declaração  
 que amava a filha dêle  
 pretendia dela a mão

Exclamou logo o barão:  
 és assim tão atrevido?  
 não respeitas mais a mim?  
 aonde estás tu metido?  
 então eu tenho uma filha  
 para dar a um bandido?!

Disse Alonso: senhor barão  
 não obsta eu ser um pobre  
 sua filha é potentada  
 me ama sem eu ser nobre  
 amor não olha riqueza  
 inda que a pobreza dobre

O barão chamou 3 praças  
 deram-lhe voz de prisão  
 arrastaram o pobre Alonso  
 como se fôsse êle um cão  
 ou se fôsse um insolente  
 um criminoso ou ladrão

(4)

O barão chamou a filha  
perguntou se tinha dado  
consentimento a um bandido  
que tinha o injuriado  
pedindo a mão da filha  
sendo êle um desgraçado

—Foi eu, respondeu Marina  
que mandei êle pedir  
e amo-o desde pequena  
se o amor não conseguir  
no solo do cemitério  
hei de com êle me unir

O barão corou e disse:  
descanse seu coração  
se você casar com êle  
eu deixo de ser barão  
pois eu morto, a minha cinza  
reconhece o meu braço

—Eu já o mandei prender  
e fiz recomendação  
que não consentisse alguém  
levar-lhe água nem pão  
creio que mais de dez dias  
não terá de duração

Disse Marina: meu pai  
pode se enganar  
ainda Alonso morrendo  
ou o atirarem no mar  
me lançarei no abismo  
e vou com êle parar

—Porém êle é pobre assim  
não têm pai, foi enjeitado  
é pobre, mas tem orgulho  
de dizer: sou homem honrado  
pode a sorte o proteger  
será êle um potentado

—Cale-se, infeliz maldita!  
falou irado o barão  
se articular comigo  
eu a boto na prisão  
moto-a debaixo dos ferros  
e lhe acabo a opinião

—Pode matar, disse ela  
satisfaça a sua paixão  
pode aniquilar meus dias  
mas não minha opinião  
só Deus sabe, mais ninguém  
o que tenho no coração

Se recolheu ao quarto  
deixando o pai no salão  
estudando qual o meio  
dela enganar o barão  
e como podia tirar  
o amante da prisão

Depois de pensar um pouco  
chamou a criada dela  
disse que fôsse à cadeia  
falasse com o sentinela  
que ela mandava dizer  
que fôsse falar com ela

Recebe o guarda o recado  
 e prontamente chegou  
 ela estava no jardim  
 logo ao guarda falou  
 não houve aí quem soubesse  
 a cilada que ela armou

Disse Marina ao guarda:  
 você é um desgraçado  
 mil anos que viva aqui  
 não passará dum soldado  
 solte Alonso que está prêso  
 que o faço felizardo

—Senhora, disse-lhe o guarda  
 isso faz minha desgraça  
 se eu fizer isso, seu pai  
 acaba até minha raça;  
 disse Marina, deserte  
 pra que você quer mais praça?

- Dou-lhe dez contos de réis  
 para você o soltar  
 êle vai para o Japão  
 onde há de negociar  
 você deserte com êle  
 lá pode bem se arrumar

Aí o guarda saiu  
 com sentido no dinheiro  
 e pôde se aproveitar  
 do sono do carcereiro  
 tirou as chaves do bôlso  
 soltou o prisioneiro

Chegaram ambos no jardim  
Alonso com o soldado  
ela foi ver o dinheiro  
que há anos tinha guardado  
achou cem contos de réis  
dinheiro forte cunhado

Aí disse ela a Alonso:  
vamos lutar com a sorte  
fuja para o Japão  
dou-lhe um falso passaporte  
com as paixões de meu pai  
você vá, não se importe

—Quando escrever para mim  
para não ser descoberto  
bote Januária Mendes  
filha do Herculano Alberto  
as que eu esquecer daqui  
vão Inácio Felisberto

—Você enricando lá  
depois quando aparecer  
meu pai estará mais brando  
não odeia mais você  
se ilude com o dinheiro  
tudo se pode fazer

Quando foi no outro dia  
o barão pôde saber  
que Alonso tinha saído  
deu-lhe febre, quis morrer  
não assassinou Marina  
por um padre interceder



Com quatro dias depois  
veio um moço passear  
foi à casa do barão  
e esse deu-lhe um jantar  
o tal moço viu Marina  
pediu-a para casar

O barão disse que dava  
porém Marina não quis  
disse-lhe pessoalmente:  
comigo não é feliz  
fora Alonso, para mim  
não tem outro no país

Lhe replicou o barão:  
à força há de casar  
êste homem é muito rico  
tem bem com que te tratar-  
se não me fizeres os gostos-  
a vida há de te custar

- Meu pai, respondeu Marina  
a morte a mim me faz bem  
o homem que casa à força  
que sentimento bom tem?  
eu sou mulher, mas à força  
não me caso com ninguém

---E o senhor cavalheiro  
saiba que está enganado  
espôsa sua eu não sou  
pois assim tenho jurado  
pode ficar na certeza  
que não logra êste bocado

Disse o barão: se apronte  
 que ela não se governa  
 inda que nisto intervenha  
 a autoridade eterna  
 casa ainda que vá  
 ao fundo duma cisterna

Faltavam apenas 2 meses  
 para a realização  
 quando veio a precatória  
 foi logo às mãos do barão  
 denunciando o tal moço  
 de assassino e ladrão

Dêste ficou ela livre  
 pois a justiça o prendeu  
 porém por caipora dela  
 um primo lhe apareceu  
 pedindo-a a casamento  
 o pai prontamente deu

Então Marina lhe disse:  
 meu pai faça o que quiser  
 só me caso com Alonso  
 dê o caso no que der  
 homem nenhum neste mundo  
 terá a mim por mulher

O pai já tinha comprado  
 um muito rico enxoval  
 disse a ela: você casa  
 casa por bem ou por mal;  
 respondeu ela: meu pai  
 prepararei um punhal

Então escreveu ao primo  
que não viesse casar  
sob pena de morrer  
era cálculo sem errar  
pois mesmo nos pés do padre  
ela havia de o matar

Ele mandou lhe dizer  
que abrandasse o coração  
se esquecesse do bandido  
que envergonhava o barão  
dali a dois dias mais  
êle lhe daria a mão

Afinal chegou o dia  
que havia de casar  
disse Marina consigo:  
por certo hei de me acabar  
que romance interessante  
alguém de mim vai formar!

Estava o altar preparado  
o bispo e o capelão  
o presidente da província  
que era amigo da barão  
a sala estava completa  
de homem de posição

As criadas de Marina  
vestiram o rico enxoval  
ela disse a uma delas:  
mande dobrar o sinal;  
e p... debaixo da roupa  
colocou logo...

Chegou ao pé do altar  
 mesmo na ocasião  
 que o bispo preparou tudo  
 o noivo estendeu a mão  
 ela cravou-lhe o punhal  
 em cima do coração

O punhal entrou um palmo  
 êle caiu sôbre o chão  
 ela perguntou ao pai:  
 está satisfeito, barão?  
 viu como uma mulher faz?  
 cumpri minha jura ou não?

O barão ficou pocco  
 quis na mesma ocasião  
 vibrar-lhe outra punhalada  
 deixá-la morta no chão  
 soluçava em desespero  
 em pensar naquela ação

Foi um irmão do tal  
 vingar nela o seu irmão  
 ela disse: êste punhal  
 é tudo em minha mão  
 abaixo da Deus é êle  
 quem me dá a proteção!

Aí cravou-lhe o punhal  
 êle caiu sem alento  
 ela enxugando gritou:  
 tudo aqui eu arrebento!  
 até meu pai se op  
 morre ou sofre fermento!

Aí o bispo pegou-a  
e deu-lhe voz de prisão  
—Estou prêsa, disse ela  
mas não me entrego ao barão  
meu pai me fêz assassina  
e fêz minha perdição

Apontou para o cadáver  
e lhe disse: desgraçado  
morreste por ser covarde  
sendo por mim avisado  
teu irmão também morreu  
e tu foste o culpado

O bispo disse: Marina  
eu garanto a tua vida;  
então respondeu Marina:  
ao senhor estou rendida  
a morte não faz terror  
quando a alma está ferida

—Jurei perante a meu pai  
que com outro não casava  
porque o amor de Alonso  
fielmente conservava  
e disse que êste punhal  
era quem me advogava

—Avisei êste covarde  
já no último momento  
preveni-lhe que o matava  
no ato do casamento  
aquilo que digo, faço  
já cumpri meu juramento

—Meu pai me fêz assassina  
 devido a sua ambição  
 prefiro morrer de fome  
 encerrada na prisão  
 porém o amor de Alonso  
 não sai do meu coração!

—Se na prisão me acabar  
 fôr presente ao Criador  
 se eu lá puder lhe falar  
 direi a êle: Senhor  
 tôda culpa que eu tive  
 foi entregue ao meu amor!

Disse o barão que a levassem  
 para a prisão, amarrada  
 porque era assassina  
 sanguinária desgraçada

—Duas vítimas inocentes  
 fêz agora esta malvada!

As criadas acompanharam  
 até entrar na prisão  
 ela primeiro que tudo  
 escreveu para o Japão  
 contando tudo a Alonso  
 o que fêz na aflição

Alonso já tinha ganho  
 2 mil contos no Japão  
 quando recebeu a carta  
 quase morre de paixão  
 disse consigo: é agora  
 que me viço do barão

Na carta ia o seguinte:

«Alonso, me desgraçei  
 «papai quis casar-me à força  
 «qu'eu não casava, jurei  
 «me levaram aos pés do padre  
 «lá mesmo o noivo matei

«Matei mais um irmão déle  
 «que interveiu-se na questão  
 «porque também receava  
 «que podia ainda o barão  
 «visto ter morto meu noivo  
 «querer dar-me o outro irmão»

Tomou Alonso um vapor  
 e seguiu no mesmo dia  
 com 6 dias de viagem  
 chegou aonde queria  
 mudou de traje e de nome  
 que ninguém o conhecia

Encontrou na rua um homem  
 que lhe pedia dinheiro  
 porque êsse avaliava  
 ser Alonso um estrangeiro  
 Alonso viu com u'as chaves  
 conheceu ser carcereiro

Alonso aí perguntou:  
 o amigo é carcereiro?  
 --Sou, meu moço, disse o velho  
 um mendigo aventureiro  
 há 6 meses que trabalho  
 e não recebo dinheiro

Alonso com muito jeito  
fêz-lhe a indagação  
perguntou: o senhor tem  
as chaves duma prisão  
dessa prisão onde está  
a menina do barão?

—É esta; mostrou a chave  
com que eu abro-lhe a porta  
há seis dias, coitadinha  
com 1 ferro pesado às costas  
tanto eu creio que amanhã  
talvez amanheça morta

—Quer 20 contos de réis  
pra tirá-la da prisão?  
disse Alonso mostrando  
o cheque que tinha na mão  
disse o velho: Deus me livre!  
o que me faz o barão?

—Amigo, eu sou Alonso  
por quem Marina está presa  
moro no Japão, sou banqueiro  
tenho dinheiro e grandeza  
venho de lá ocultamente  
só tratar dessa deusa

—Dou-lhe o dinheiro logo  
e fuja para o Japão  
chegue lá pode contar  
com a minha proteção  
pois eu para os japoneses  
tenho mais força que o barão



O velho coça a cabeça  
diz ai: eu vou pensar;  
olhava para o dinheire  
não podia dispensar  
—Pois 20 contos de réis  
eu não deixo de ganhar

A seis dias que Marina  
não via água nem pão  
nem luz sequer lhe traziam  
que horrível situação!  
com 12 quilos de ferro  
quase morta sôbre o chão

Quando chegavam-lhe dores  
ela assim mesmo gemia  
interrogava a si própria:  
será noite ou será dia?  
nem sequer entra uma réstea  
nesta maldita enxovia!

—Meu Deus, que cova escura!  
oh! tormento sem modêlo!  
oh! luz do sol cintilante!  
o sol mais nunca hei de vê-lo!  
sou companheira das trevas  
nesta habitação de gêlo!

—Também pouco custará  
a pôr têrmo em minha vida!  
que tem que soffra estas dores  
morrer aqui oprimida?  
esse terror assim horrível  
não me faz arrependida

Veio o velho com Alonso  
e entraram na prisão  
Alonso quase desmaia  
vendo Marina no chão  
pôs-lhe a mão, achou-a fria  
que fazia compaixão

Alonso levava leite  
râpidamente aqueitou  
pondo Marina no colo  
ela com pouco acordou  
tomou um pouco de leite  
com pouco mais melhorou

Quando Marina tornou  
que viu Alonso a seu lado  
exclamou: meu Deus, é sonho?  
ou eu terei me enganado?  
fitou e chamou por êle  
disse: oh! anjo abençoado!

Logo que Alonso se viu  
com Marina em seu poder  
disse consigo: eu agora  
pouco me importa morrer  
fiz o que ela me fez  
pode o barão se morder

Quando êles estavam fora  
um oficial os viu  
e para Alonso e Marina  
como uma fera partiu  
Alonso com um punhal  
cravou-lhe e êle caiu

Chegaram mais 5 praças  
 a Alonso acometeram  
 Alonso atirou em dois  
 aí mesmo êles morreram  
 Marina inda matou um  
 ficaram dois e correram

Correu ao pôrto e disse  
 ao capitão do navio  
 que queria partir logo  
 que o tempo estava de estio  
 êsse disse: agora não;  
 o barco estava vazio

No outro dia às 10 horas  
 estava o barco preparado  
 o barão desconfiou  
 que o barco estava fretado  
 pôs em estado de sítio  
 foi o navio embargado

Correu-se canto por canto  
 a fim de ver se achava  
 um velho amigo de Alonso  
 numa cova os conservava  
 então o velho escondido  
 todo negócio espreitava

Alonso mandou pelo velho  
 uma carta ao capitão  
 que fôsse falar com êle  
 pois havia precisão  
 dizendo: tenho dinheiro  
 que

Pronto o capitão chegou  
então Alonso lhe disse  
que queria retirar-se  
oculto que ninguém visse  
a quantia de dinheiro  
o capitão lhe pediu

Com pouco chegou 1 soldado  
procurando o capitão  
chegando a êle entregou-lhe  
uma carta do barão  
dizendo: custa-lhe a vida  
se partir para o Japão

O capitão que era forte  
disse a Alonso: se apronte  
embarque, conduza a moça  
comigo até ao Japão, conte  
você só sai do meu barco  
se fizerem de mim pente

A uma da madrugada  
o navio abriu a vela  
seguiu de bandeira içada  
então a noite era bela  
pois no mar isso é vantagem  
uma noite como aquela

Assim que o vigia viu  
que Alonso tinha fugido  
correu, deu parte ao barão  
que o barco tinha saído  
o barão deu um ataque  
ficou sôbre o chão caído

Mandou chamar u'a esquadra  
e mandou que perseguisse  
onde pegasse o navio  
prendesse se resistisse  
matasse Alonso lá mesmo  
queimasse a filha se visse

Já tinha andado 2 dias  
era uma manhã cedo  
deu fé de uma tripulante  
que perseguia um torpedo  
o capitão preparou-se  
e disse: aqui não há medo

Com poucas horas depois  
o navio os alcançou  
deram-lhe voz de prisão  
o capitão se alterou  
Alonso saiu na prôa  
a batalha se travou

Cento e quarenta soldados  
contra o barco se botaram  
o capitão morreu logo  
com os tiros que trocaram  
o navio que Alonso ia  
as balas o estragaram

Marina disse a Alonso:  
se perdemos esta vitória  
tocamos fogo na pólvora  
que para nós será glória  
de nós não há um que fique  
para contar a história

O chefe da expedição  
 disse a Alonso: se renda;  
 Marina com ânimo disse:  
 a nós não vejo quem prenda.  
 estamos sós, vamos ver  
 quem é que ganha a contenda.

Disse Alonso: peleje...  
 e desceu logo ao porão  
 trouxe um caixote já pronto  
 e com tôda disposição  
 deitando fogo na pólvora  
 foi medonha a explosão

Porém Alonso e Marina  
 da explosão escaparam  
 por uma felicidade  
 uma tábua encontraram.  
 passando por perto dêles  
 ambos nela se agarraram

Dos inimigos de Alonso  
 apenas um se salvou  
 por sua felicidade  
 um salva-vida inda achou  
 que foi êle que ao barão  
 todo ocorrido narrou

O barão como uma fera  
 depois de está informado  
 aí foi ver o punhal  
 que ainda estava guardado  
 remeteu aos pais dos mortos  
 qu'era o conde seu punhado

E mandou pedir ao conde  
 que guardasse por lembrança  
 o punhal com todo sangue  
 como papel de herança  
 dizendo; eu só apareço  
 depois da minha vingança

Mandava dizer na carta  
 do conde de Montalvão:  
 «vou perseguir o bandido  
 «o mato num caldeirão  
 «Marina, abro-a pelas costas  
 «arranco-lhe o coração»

O conde e a condessa  
 quando a carta receberam  
 com essa triste notícia  
 que seus 2 filhos morreram  
 passaram 8 ou 10 dias  
 que água apenas beberam

O conde e a sua mulher  
 todo dia consultava  
 que de todos os seus filhos  
 apenas um lhes restava  
 e esse para o futuro  
 era quem tudo vingava

Deixemos aqui os planos  
 que os condes adotaram  
 veja Alonso e Marina  
 como foi que se salvaram  
 quase nas ânsias da morte  
 como um protetor acharam

O navio afundou logo  
 devido os graneds estragos  
 Marina disse a Alonso:  
 morremos bem estamos pagos  
 nossas almas vão unidas  
 Deus verá nossos afagos

Disse Alonso: eu contigo  
 da morte não tenho lembrança  
 faço de conta que vou  
 para o céu numa mudança  
 teu peito serve de sombra  
 onde minh'alma descansa

Disse Marina sorrindo:  
 isto aqui é um altar  
 os peixes são sacerdotes  
 um há de vir nos casar  
 eu fui pedida na terra  
 e o casamento é no mar

Ambos ficaram vagando  
 esperando pela morte  
 Alonso disse; Marina  
 vamos ver que dá a sorte  
 haja o que Deus fôr servido  
 inda que a vida nos corte

Disse Marina a Alonso:  
 eu não tenho a esperança  
 o mundo, o outro é a família  
 risquei tudo da lembrança  
 tudo com a morte se acaba  
 tudo com a vida se alcança



Olhou para Alonso e disse:  
 vamos fazer oração  
 nos confessamos a Deus  
 e lhe pedimos perdão  
 por tumba temos o mar  
 por coveiro o tubarão

Olhou para o céu e disse:  
 Jesus Cristo Redentor  
 Deus e homem verdadeiro  
 de todo mundo senhor  
 olhai pra êstes infelizes  
 pobres escravos do amor!

---Pelo tôpo do calvário  
 onde a grande cruz se ergueu  
 por vosso sangue inocente  
 que em gôta na cruz desceu  
 pelas chagas, pelos cravos  
 perdão para o crime meu!

---Pelo cálice de amargura  
 vos peço meu Deus, me acuda  
 eu só mereço que faças  
 para mim as ouças mudas  
 vos peço por vossas dores  
 e pela tragédia de Judas

--Meu Deus vós bem conheceis  
 meu coração traidor  
 não fiz traição a meu pai  
 nem a êsse tenho rancor  
 só vós poderdes saber  
 a ciência do amor!

—Vos peço, ó Deus, se quiser  
 com pena me castigar  
 mandai que as águas se abram  
 para nelas me afogar  
 salvando Alonso é bastante  
 estou satisfeita em pagar

Aí Mariaa ouviu  
 uma voz desconhecida  
 dizer-lhe: a tua oração  
 por Deus do céu foi ouvida  
 com pouco vem uma onda  
 que salvará tua vida

Então perguntou Marina;  
 quem és tu qu'estás falando?  
 —E' tua mãe; respondeu  
 estou sempre por ti velando  
 há quinze anos que morri  
 mas vivo te acompanhando

Aí chegou uma onda  
 com tôda fôrça arrojou-os  
 com espaço de 3 horas  
 sôbre uma praia botou-os  
 Alonso pegou Marina  
 aí a onda deixou-os

Já o sol ia se pondo  
 seus raios de ouro morrendo  
 o manto negro da noite  
 sôbre o mundo se estendendo  
 e êles esmorecidos  
 gelados no chão tremendo

Marina exclamou: que frio!  
 que fome me davorando!  
 que ilusões, sinto nervosa!  
 que dôres me ameaçando!  
 será o anjo da morte  
 que está nos visitando?!

Nisto ouviram umas pisadas  
 era um homem pescador  
 viu os dois caídos ali  
 gritou com todo terror:  
 é alma do outro mundo  
 ou algum salteador?!

— Não sou alma, nem ladrão  
 nós somos dois naufragados  
 escapamos de morrer  
 estamos aqui derrotados  
 lutamos o dia inteiro  
 saímos, estamos gelados

— Estão nus? pergunta o homem  
 — Ambos estamos, senhor;  
 — Coitados, que lástima é esta!  
 exclamou o pescador  
 náufragos em terra alheia  
 meu Deus do céu, que horror!

— Meu amigo, eu sou 1 pobre  
 pobre e desprevenido  
 sinto nada possuir  
 (disse-lhe o desconhecido)  
 porém vou em nossa casa  
 ver se arrumo um vestido

O homem com a mulher  
 conseguiu logo um vestido  
 Alonso vestiu Marina  
 que tinha esmorecido  
 e se embrulhou numa capa  
 que o homem tinha trazido

Disse o pescador a êles:  
 eu não tenho o que lhes faça  
 minha casa é a mais pobre  
 que tem aqui nesta praça  
 vamos pra lá assim mesmo  
 que a noite depressa passa

Alonso pôs-se indagando  
 depois duma refeição  
 se ali morava algum homem  
 que tivesse transação  
 ou tomasse alguns dinheiros  
 aos banqueiros do Japão

— Tem Monsenhor Manacés;

— E Manacés mora aqui?

— Mora, e é negociante  
 a casa dêle é ali;

--E' meu freguês, disse Alonso  
 só tem é que nunca o vi

Então Alonso escreveu-lhe  
 contando todo o ocorrido  
 contando o seu embarque  
 como se tinha perdido  
 e da forma que se achava  
 e como tinha saído

Manacês na mesma hora  
 veio aonde Alonso estava  
 perguntou-lhe o que queria  
 e de quanto precisava  
 disse o quanto possuía  
 ao dispor dêle se achava

---Precisava uma embarcação  
 para dar ao pescador  
 êle foi bom para mim  
 foi êle meu salvador  
 é necessário lhe dar  
 seja que quantia fôr

O navio que Alonso vinha  
 o mar tinha arrojado  
 estava perto da praia  
 que as águas tinham botado  
 foram, acharam o dinheiro  
 que Alonso tinha guardado

Alonso comprou um barco  
 que estava no estaleiro  
 procurou um capitão  
 um homem forte e guerreiro  
 que fôsse conhecedor  
 de qualquer mar estrangeiro

Depois 5 ou 6 dias  
 tomaram o barco e seguiram  
 levando quatro criados  
 que para o Japão partiram  
 mas logo ao sair do pôrto  
 em grande luta se viram

Um grande peixe feroz  
contra o barco se botou  
quase que vira o navio  
ainda o arruinou  
porém vinha um calafate  
aí mesmo o consertou

Ja tudo tão tranquilo  
nada havia de embarço  
Alonso e Marina andavam  
sempre na prôa, de braço  
o barco como uma ave  
que ia cortando o espaço

Mestrava Alonso a Marina:  
vês êste sol como brilha?  
aquêles flocos de neve  
fingindo uma maravilha?  
como é belo uma hora desta  
juntar-se as nuvens em pilha!

Nesse momento Marina  
olhando para a amplidão  
obsevou que atrás dêles  
vinha uma embarcação  
com u'a bandeira encarnada  
conheceram ser o barão

--Alonso! exclamou Marina  
nossa desgraça chegou!  
olha aquela embárcação  
foi Deus que nos castigou!  
meu Deus, oh! que tormento!  
mas Alonso a acalmou



Disse ao capitão do barco:  
somos de nôvo perseguidos  
se o barco nos alcançar  
um de nós fica perdido  
êle hoje mata ou morre  
um de nós fica vencido

Marina disse a Alonso:  
eu sou filha, êle é meu pai  
contudo ainda o amo  
sinto um amor que me trai  
hoje somos inimigos  
um de encontro ao outro vai

Não passaram duas horas  
se confrontaram os guerreiros  
os navios eram bons  
ambos fortes e ligeiros  
o barão se preparou  
e preveniu 2 artilheiros

Então gritou a Alonso:  
pára êste barco, bandido!  
hoje te arrependerás  
de seres tão atrevido!  
Alonso disse ao barão:  
haja o que Deus fôr servido

Aí gritou o barão:  
atirem neste navio  
pois a um bandido dêste  
não se fala em desafio  
se êle escapar, vou dentro  
mato tudo a ferro frio!

Dispararam duas peças  
que o navio estremeceu  
Alonso também de cá  
um tiro enorme lhe deu  
o navio que Alonso ia  
uma bala inda o rompeu

Alonso disse ao barão:  
é melhor se acomodar  
volte daqui, vá viver  
não queira me desgraçar  
eu pago suas despesas  
para o senhor se aquietar

— Miserável aventureiro  
não quero te dar ouvido  
tu hoje hás de me pagar  
tudo que tenho sofrido  
num caldeirão dêste barco  
haverás do ser cozido!

E repetiu com um tiro  
mas Alonso se livrou  
atingiu o capitão  
um balaço aterrador  
êsse morreu ali mesmo  
que nem gemeu com a dor

Um tenente coronel  
que acompanhava o barão  
saltou no navio de Alonso  
com uma espada na mão  
Marina deitou-lhe um tiro  
morreu e não fez ação



Investiu mais um major  
um sargento e um soldado  
Marina emparelhou os três  
com um tiro tão acertado  
que matou 2 num momento  
outro ficou aleijado

O barão e os 2 alferes  
contra Alonso e 2 criados  
travaram uma grande luta  
estavam muito irados  
pareciam seis leões  
lutando desesperados

Marina disse: meu pai  
deixe de ser orgulhoso  
atenda o poder divino  
que é o único poderoso.  
lhe peço em nome de Deus  
não seja tão rigoroso

—Suma-se, infeliz maldita!  
não quero olhar-te 1 instante!  
se eu aqui não me afogar  
mato a ti e a teu amante  
eu mato ainda que Deus  
contra mim se meta adiante!

Tudo já tinha morrido  
restava êle sòmente  
Alonso viu que morria  
e barão estava imprudente  
soltou-lhe uma dinamite  
foi-se o barco de repente

Porém por felicidade  
sempre escapou o barão  
agarrrou-se num escaler  
que escapou da explosão  
escapou quase sem roupa  
porém o punhal na mão

O navio que Alonso ia  
da explosão se estragou  
de gente ficaram êles  
o mais tudo se acabou  
felizmente que o dinheiro  
Marina logo guardou

Submergiu-se o navio  
êles salvaram-se em um bote  
Marina exclamando disse:  
ó Deus. naufrágio é meu dote!  
pedimos, Senhor, agora  
que em boa praia nos bote!

O barão desesperado  
por não poder encontrar  
com Alonso e Marina  
com tenção de ainda lutar  
levava o punhal nos dentes  
que chegava a se cortar

Conseguiu se encontrar  
com o bote que Alonso ia  
falava, mas com a cólera  
quase que ninguém ouvia  
quando olhava para êle  
todo corpo lhe tremia

—Eis ai, disse o barão  
vamos ver o que dá a sorte

bandido, hoje um de nós  
será herdeiro da morte  
as facas são testemunhas  
ganhará quem fôr mais forte!

E se travaram na luta  
inda Alonso se feriu  
Alonse virou-lhe o bote  
êle nágua se sumiu  
estava morrendo afogado  
mas Marina o acudiu

Êle salvando-se disse:  
ainda fizeste esta ação?  
não julgava inda achar isto  
em teu cruel coração!  
Alonso ainda falou  
êle não deu-lhe atenção

Êle em soluço exclamava:  
oh! que coração cruel!  
bôca que tanto beijei  
me parecia ter mel  
não sabia que no futuro  
fôsse uma taça de fel!

— Em noites, ela pequena  
só se acalmava comigo  
se ela dormindo chorava  
eu estava sempre consigo!  
como se cria nos braços  
o mais tirano inimigo?!

Saiu pelo mar vagando  
uma embarcação achou  
viu que era um naufragado  
parou o barco e o salvou

Ele dizendo quem era  
a embarcação o levou

E Alonso com Marina  
saiam também vagando  
viram um barco japonês  
adiante deles passando  
Alonso pediu socorro  
foi logo o barco parando

Em dia e meio de viagem  
chegaram sempre ao Japão  
levaram os papéis já prontos  
se casaram sem bênção  
descansou aí Alonso  
das intrigas do barão

O barão chegou em casa  
encontrou tudo estragado  
o palácio onde morava  
já se tinha incendiado  
algun prédio que ainda tinha  
estava hipotecado

Dizia êle a si mesmo:  
vou morrer no estrangeiro  
aonde ninguém não saiba  
quem já fui eu de primeiro  
ninguém zombará de mim  
quando eu não tiver dinheiro

Êle não sabia pra onde  
Alonso tinha partido  
embarcou para o Japão  
onde era desconhecido  
um cheque que levava  
chegou, estava perdido

Carregou lixo na rua  
 a fim de se alimentar  
 caiu seis meses doente  
 depois de se levantar  
 para não morrer de fome  
 foi preciso mendigar

Foi procurar um emprego  
 de forma alguma encontrou  
 apenas numa cocheira  
 alguns meses trabalhou  
 o trabalho era pesado  
 e ele não aguentou

O leitor calcule agora  
 que horrível situação  
 hoje ser um jornaleiro  
 quem ontem foi um barão  
 ontem com tanta fortuna  
 hoje mendigando o pão!

—Mas tudo isto é verdade  
 (dizia ele consigo)  
 morrerei entre os estranhos  
 sem ver sequer um amigo  
 ninguém me perguntará:  
 quêde teu orgulho antigo?

—Aqui ninguém me conhece  
 não saberão quem fui eu  
 em minha terra dirão  
 que o barão já morreu  
 não há quem tenha o prazer  
 de ver o sofrimento meu!

—Alguém que possa por mim  
 dirá: é um desgraçado;

não sabe quem fui outrora  
desconhece o meu passado  
também pela sepultura  
muito breve sou chamado!

Muitas vêzes o barão  
recordando o seu passado  
dizia consigo só:  
eu sou muito desgraçado!  
eis aí o meu orgulho  
em que é que foi tornado!

—Aquêlé pobre rapaz  
que anda no fim do mundo  
feito um pobre foragido  
talvez até um vagabundo  
eu merecia por isso  
um sofrimento profando!

—Minha filha sendo única  
que minha mulher deixou  
a quem sua mãe morrendo  
tanto me recomendou  
eu obrigá-la a chegar  
ao extremo que chegou!

Um dia que não ganhou  
com que comprar alimento  
e de noite não achou  
quem lhe desse um aposento  
essa noite para êle  
foi um cárcere de tormento

Oprimido pela fome  
pois nada comeu no dia  
a roupa tôda rompida  
que o corpo lhe aparecia

deitado uuma calçada  
imunda, molhada e fria

Um dia disse Marina:  
meu pai há de ter morrido  
aquêle seu egoismo  
deve tê-lo consumido  
pois o comum do orgulho  
é sempre ser abatido

Disse Alonso: tenho pena  
da loucura do barão  
mas êle é orgulhoso  
a ninguém presta atenção  
com tudo isso assim mesmo  
não lhe negava o perdão

Disse Marina: assim mesmo  
com tôda essa crueldade  
não posso deixar de ter-lhe  
uma forçosa amizade  
êle tem ódio de mim  
eu dêle tenho saudade

—Se ainda chegar o dia  
qu'eu o veja hei de curvar-me  
embora o orgulho dêle  
prive a êle de abraçar-me  
porém se ver-me a seus pés  
muito humilde há de tomar-me

Bem na calçada de Alonso  
foi um dia êle cair  
Alonso conheceu êle  
e para não o affligir  
sem dizer nada, mandou  
um criado o conduzir

Deu-lhe quarto e u'a cama  
 um médico veio o visitar  
 êle fazia juizo  
 mas não podia acertar  
 porque meio aquêle homem  
 assim queria o tratar

Marina, êle e Alonso  
 uma noite conversando  
 disse êle: sou um monstro  
 é justo eu estar penando  
 assassinei uma filha  
 Deus está me castigando

—Fui malvado como Herodes  
 soberbo como Lusbel  
 tinha uma única filha  
 uma alma nobre e fiel  
 contra a razão obriguei-a  
 a beber taça de fel

—Se eu inda visse meu genro  
 para pedir-lhe perdão  
 e pedir que me matasse  
 eu lhe perdoava então  
 minha vida hoje é um fardo  
 dela não tenho precisão

---Eu sou um ente incapaz  
 dum cristão me socorrer!...  
 uma lágrima em Marina  
 ela não pôde conter  
 Alonso viu-a chorar  
 foi obrigado a romper



— Seu genro, barão, sou eu  
por mim está perdoado  
já me esqueci disso tudo  
pode ficar descansado  
não é mais que isso o mundo  
o barão estava enganado

— Bote a bênção em sua filha  
fiquemos em união  
Deus dá a sorte ao homem  
para ver seu coração  
faz o grande se humilhar  
ergue o morto e dá-lhe ação

O barão ficou com eles  
sendo de Alonso estimado  
porém um sobrinho dêle  
que ainda tinha ficado  
por quem ao cabo de anos  
foi Alonso assassinado

Tivemos isto a um análise  
Então vê-se onde cai  
A soberba é abatida  
No abismo tudo cai  
Deus é grande e tem poder  
Reduz ao pó qualquer ser  
O poder dêle é de pai